Psicologia em Ênfase

v.5, n. 1, p. 52-67 – Maio/2024

Dependência Química Sob Olhar Crítico: Particularidades e Desafios a Partir do Gênero

Angelita Luiza Coelho Oliveira[1]
Barbara Sul Santana Fleury[2]

Resumo

O presente trabalho aborda, desde a Psicologia Social Crítica, as particularidades e os desafios enfrentados pelas mulheres participantes de uma comunidade terapêutica. Pretende-se observar as complexas interligações entre a realidade social, as opressões de gênero, de classe e raça, e a dependência química, compreendendo a dimensão fisiológica, mas explorando as condições sociais, emocionais e culturais que permeiam esta realidade e favorecem o adoecimento e dificultam a superação. Assim espera-se contribuir para uma prática Psicológica cada vez mais comprometida com os fatores que englobam a totalidade humana e consideram o papel social da Psicologia no trabalho com essas mulheres. Diante de um cenário multifacetado e complexo, as tentativas de dar respostas devem caminhar na direção da amplitude e da integralidade, considerando o uso de drogas para além da mera doença ou da prática necessariamente negativa, mas incluindo os aspectos físicos, psicológicos e sociais. Para permitir uma abordagem transformadora, foi desenvolvido um E-book para orientar a implementação de uma intervenção denominada "Projeto de Vida", tendo em mente que a psicologia deve contribuir na construção de uma sociedade que promova a humanização, a igualdade e a realização de todos os indivíduos. Os resultados e discussão são apresentados a partir de Relato de Experiência desta pesquisadora, em que pesa a articulação e leitura da realidade, desde a teoria crítica aqui explorada, reconhecendo as particularidades do uso de drogas por mulheres e a necessidade de enfrentar os desafios que ainda existem como o estigma, a violência de gênero e a falta de políticas públicas específicas.

Palavras-chave: Dependência Química; Gênero; Psicologia Social Crítica.

Abstract

This work addresses, from Critical Social Psychology, the particularities and challenges faced by women participating in a therapeutic community. The aim is to observe the complex interconnections between social reality, gender, class and racial oppression, and chemical dependency, understanding the physiological dimension, but exploring the social, emotional and cultural conditions that permeate this reality and favor illness and make it difficult to overcome. In this way, we hope to contribute to a Psychological practice increasingly committed to the factors that encompass the human totality and consider the social role of Psychology in working with these women. Faced with a multifaceted and complex scenario, attempts to provide answers must move towards breadth and comprehensiveness, considering drug use beyond the mere illness or necessarily negative practice, but including the physical, psychological and social aspects. To enable a transformative approach, an E-book was developed to guide the implementation of an intervention called "Life Project", keeping in mind that psychology must contribute to the construction of a society that promotes humanization, equality and the achievement of all individuals. The results and discussion are presented based on this researcher's Experience Report, which weighs the articulation and reading of reality, based on the critical theory explored here, recognizing the particularities of drug use by women and the need to face the challenges that still There are stigma, gender-based violence and the lack of specific public policies.

Key Words: Chemical Dependency; Gender; Critical Social Psychology.

[1]Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria, em Educação Física-Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás e em Pedagogía pela Universidade de Brasília. Possui Especialização em Esporte e Recuperação; em Docência do Ensino Superior; e em Obesidade e Emagrecimento. E-mail: angelittacoelho@gmail.com

[2]Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestre em Psicología pela Universidade Federal de Goiás e Doutoranda em Psicología pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: barbarasfleury@hotmail.com

Este trabalho acadêmico visa, a partir da Psicologia Social Crítica, ampliar a visão sobre a dependência química no universo feminino, compreendendo suas particularidades e desafios inerentes ao gênero e apontar para possibilidades de atuação crítica a partir das ciências psicológicas. Entende-se que a dependência química é uma condição complexa por si só, e que o desafio se torna ainda maior diante das constituições intrafamiliares, toda estrutura social construída com uma base patriarcal, onde pesa sobre a mulher diversos papéis como responsabilidade com a criação de filhos, cuidados com o lar e a busca pelo seu sucesso pessoal (Narvaz & Koller, 2006).

Essa compreensão será explorada, no decorrer desta pesquisa, à articulação entre teorias que abarcam os temas em questão e um Relato da Experiência prática desta autora com mulheres em situação de acolhimento institucional por dependência química. Pretende-se observar como se dão os entrelaces complexos entre a realidade social, as opressões de gênero, classe e raça e a dependência química, compreendendo sua dependência fisiológica, mas entendendo que existem condições sociais, emocionais e culturais que perpassam essa realidade, favorecem o adoecimento e dificultam a superação, e assim contribuir para uma prática Psicológica cada vez mais comprometida com os fatores que abarcam a totalidade humana[1] e consideram o papel social da Psicologia na atuação com estas mulheres.

Sabe se que a psicologia social crítica se propõe não somente a observar e descrever os fenômenos, mas propor modelos de intervenção ou resolução dos problemas constatados (Lane & Codo, 1988), o que justifica a escolha dessa abordagem nessa pesquisa. Como meio de possibilitar essa visão de atuação transformadora, foi elaborado um ebook Oliveira (2023) para construção de uma intervenção denominada enquanto Projeto de Vida, que comporta, estratégias para compreender o contexto e planejar passos a fim de alcançar resultados que lhe possibilitem vislumbrar uma perspectiva de uma existência mais digna.

Para tanto, parte-se da compreensão de que Psicologia deve assumir o compromisso ético-político de posicionar-se diante de situações de injustiça, preconceito e discriminação, posicionando-se a favor das populações mais vulnerabilizadas e que mais são atingidas pela lógica social vigente. Deve colocar o saber psicológico a serviço da construção de uma sociedade que promova humanização, igualdade e realização de todas as pessoas (Martín-Baró, 2017).

Nesse sentido, é possível levantar os seguintes questionamentos, que buscaremos compreender, amparadas no referencial teórico, ao longo desta discussão: dentro das particularidades e desafios que a mulher enfrenta no seu processo de adoecimento com a dependência química, será que ela encontra um tratamento que a contemple com suas demandas? Como uma Psicologia comprometida com a compreensão da realidade social pode colaborar para que isso aconteça?

A dependência química é um problema que afeta tanto homens quanto mulheres, mas existem particularidades no contexto feminino

[1]A premissa básica da qual partimos consiste no entendimento de que o ser social é tanto objetivo como subjetivo e está em relação constante consigo mesmo, com a natureza e com os outros homens.
Na sua individualidade singular, o ser social constitui uma totalidade onde estão presentes as dimensões da subjetividade e da objetividade de maneira indissolúvel e em relação inequívoca com outras totalidades."
(Pastor,1997,p.1).

que precisam ser discutidas. Diferentemente dos homens, as mulheres geralmente têm maior dificuldade em buscar ajuda e tratamento para a dependência química, muitas vezes em função de estigmas sociais e culturais associados ao gênero feminino. Além disso, as mulheres também estão mais suscetíveis a desenvolver dependência química como resultado de traumas e experiências negativas, como violência doméstica, abuso sexual e discriminação de gênero. Esses fatores de risco precisam ser levados em consideração na abordagem da dependência química no contexto feminino (Morgado, 2019).

Conforme Gomes & Brilhante (2021), as características da feminização da pobreza têm impacto histórico nas questões relacionadas às mulheres e à dependência química. Questões sobre como a responsabilidade feminina e materna pelo cuidado, em contraste com um caráter opcional atribuído aos homens, têm influência nas expectativas e nos papéis parentais.

Continuando em conformidade com Gomes & Brilhante (2021) a associação entre o uso de drogas e a prostituição é enfatizada como uma necessidade de financiar o vício ou prover o sustento próprio e dos filhos após o abandono do parceiro. Embora menos incentivadas à experimentação e ao consumo regular, as mulheres são amplamente cobradas a abandonar o uso quando a dependência se instala. O autor afirma ainda que os estereótipos e rótulos negativos como "pervertidas" e renunciadas aos papéis femininos afastam as mulheres de buscar tratamentos e apoio. A diferenciação das regras morais para o consumo de álcool entre homens e mulheres também é relevante. Conclui afirmando que enquanto os homens são encorajados a consumir, as mulheres são socialmente sancionadas e expostas a diferentes formas de violência, inclusive a sexual, com potencial desfecho letal.

Ribeiro-Andrade et al. (2016), citam que o fenômeno da drogadição resulta em um efeito deletério nos vários aspectos da vida do sujeito, ocasionando, em pouco tempo, problemas de ordem física, emocional e social e no que diz respeito a experiência feminina na drogadição o autor afirma que certas particularidades tendem a tornar o sofrimento em questão diferente daquele decorrente do uso que os homens fazem das drogas. Seus estudos apontaram que na lista dos motivadores e das consequências do uso abusivo de drogas, os fatores emocionais tendem a colocar a mulher numa posição de maior vulnerabilidade. A relação da sociedade com a drogadição feminina mostrou-se diversa da relação que a mesma estabelece com as adicções masculinas.

Os resultados de um estudo feito por Medeiros et al.(2020) acerca das representações sociais[2] sobre mulher e mulher usuária de drogas, apontam que sobre a mulher há representações que caracterizam o papel social materno e também a figura de resistência à desigualdade de gênero; quanto à mulher usuária de drogas, revelou se a ideia de vulnerabilidade e representações estereotipadas, que as culpabilizam pelo envolvimento com as drogas e as colocam à margem da sociedade.

Para Targino (2017) é possível perceber que no mundo do tráfico, assim como na sociedade mais ampla, repete-se a tendência de uma divisão hierárquica na qual as mulheres

[2]As representações sociais, sendo definidas como formas de conhecimento prático, inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum. Tal privilégio já pressupõe uma ruptura com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento, uma vez que estas abordam o conhecimento como saber formalizado, isto é, focalizam o saber que já transpôs o limiar epistemológico, sendo constituídas por conjuntos de enunciados que definem normas de verificação e coerência (Spink, 1993).

estão em clara desvantagem em relação aos homens.

Às mulheres dependentes químicas, conforme Gomes & Brilhante (2021) ficam reservadas características específicas que as associam a comportamentos inapropriados dentro dos padrões sociais estabelecidos por uma sociedade com características patriarcal como abandono da família e da sua casa, prostituição, vergonha e falta de moral, que se somam às vulnerabilidades às quais elas já estão expostas pelo simples fato de serem mulheres e pelo exercício do poder masculino, potencializando os riscos de serem violentadas e mortas. Quando considerados aspectos interseccionais que singularizam cada mulher nessa relação, mais exclusão se coloca, posto que, além de mulher e dependente química, ela pode ser negra, pobre, indígena etc.

As características identificadas em mulheres em contexto de dependência química de acordo com estudo feito por Maciel et al. (2020), do ponto de vista de profissionais que prestam atendimento em saúde foram: vulnerabilidade biopsicossocial, baixo nível de escolaridade, desemprego, início do uso da droga por meio de amigos ou companheiro, comportamento sexual de risco e ter filhos que se encontram em instituições ou que são criados por outros familiares.

Considerando essas particularidades e desafios que as mulheres enfrentam em seu processo de adoecimento na dependência química, percebemos a necessidade de olhar de maneira mais direcionada para esse público, tentando compreender seu local de adoecimento e como nós enquanto psicólogos podemos colaborar com seu processo de superação tanto da dependência química como dos agravantes sociais que muitas vezes, podem colocar a dependência química como secundaria no processo de adoecimento.

Segundo Lane devemos ter cuidado para não projetar conceitos que transformem os indivíduos em sujeitos transcendentais. Lane afirma ainda que o pesquisador deve romper com a mentalidade estereotipada exigida pela racionalidade técnica e tecnocrática. Sem isso, a psicologia social de segunda linha simplesmente reproduziria as condições necessárias para evitar o surgimento de contradições e transformações sociais (de Lima et al., 2009).

Compreendendo as condições sociais, a necessidade de uma Psicologia que se comprometa com uma realidade concreta fragmentada entre classes sociais, raça e gênero, considera-se a necessidade de que as ferramentas das ciências Psicológicas sejam desenvolvidas sempre na intenção de colaborar para uma construção coletiva, social e em rede, que promova maior emancipação deste público na interface com as questões de dependência química.

Desde tal percepção da integralidade das necessidades destas mulheres, foi possível desenvolver propostas ancoradas no conceito de "Projeto de Vida". Este deve ser visto como um conjunto de metas, objetivos e planos que uma pessoa estabelece para si mesma, a fim de direcionar sua vida de forma significativa e alcançar a felicidade e a realização pessoal. Essa técnica é amplamente utilizada como uma ferramenta eficaz para superar desafios e obstáculos que se apresentam ao longo do caminho. Ao elaborar um projeto de vida, uma pessoa define seus ideais, sonhos e valores, criando uma visão clara do que deseja alcançar no futuro. Através desse planejamento estruturado e consciente, é possível direcionar ações e tomar decisões mais assertivas, mantendo o foco nas metas fundamentadas (Alves et al., 2022).

Neste sentido, foi construído por esta autora, a partir de referenciais teóricos

abordados e sinalizados, um Ebook[3]. Esta ferramenta surge como meio de planejar e direcionar os passos possíveis, de forma a colaborar para a promoção de uma mudança intencional e consciente por parte do sujeito que precisa assumir o protagonismo de sua construção histórica, através do autoconhecimento, refletindo o que se espera para o futuro e tomando decisões e planejando ações dentro de suas possibilidades, levando em consideração o seu contexto social. O Ebook será apresentado como parte deste relato de experiência, em articulação com as demais práticas e perspectivas de seus próprios resultados em análise empírica.

Método

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, conduzida por observações sistemáticas da prática, releitura dos relatórios elaborados a partir da atuação e apresentada por meio de relato de experiência desta pesquisadora. Busca compreender como a dependência química surge diante das particularidades e desafios do gênero feminino e apontar para possibilidades de atuação com esse público no campo da Psicologia. Parte-se da perspectiva da psicologia social crítica para a compreensão dos papéis de gênero na sociedade e com revisão teórica de autores que buscam esclarecer essa realidade e possibilitar um entendimento mais profundo da relação entre dependência química, particularidades e desafios da construção social do gênero.

O presente trabalho aborda os pressupostos para avaliar as particularidades e desafios enfrentados pelas mulheres participantes de uma comunidade terapêutica. A escolha do Relato de Experiência enquanto modalidade de expressão desta autora parte da compreensão de que esse tipo de texto trata de uma vivência que tem relevância para o meio acadêmico ao compreender fenômenos de possibilidades interventivas da área e auxiliar na formação acadêmica, e também na profissional. Trata-se de estudo no formato acadêmico-científico que destaca o uso do embasamento científico e reflexão crítica. Conforme Almeida (2014), este tipo de estudo permite observar e compreender com profundidade a realidade de uma organização, grupo (comunidade) ou indivíduo. Para tanto, coleta dados empíricos qualitativos e atuais e, assim, permite a observação e a explicação de um acontecimento único, mas também significativo. Com informações baseadas em situações da vida real, em vivências e fatos aplicáveis à própria realidade. Buscando sempre respaldar o nosso olhar com a teoria pesquisada.

Local e Participantes

Para o desenvolvimento do trabalho a partir de uma abordagem social crítica, a instituição escolhida foi a Missão Resgate da Paz. Esta atua a 25 anos com mulheres que fazem uso abusivo de substâncias químicas como drogas e álcool. Este serviço é residencial e tem como proposta o cuidado e recuperação de forma voluntária. Trata-se de um espaço flexível que considera a comunidade e as relações entre terapeutas e acolhidas. A comunidade funciona como elemento terapêutico e acolhe mulheres de 18 a 59 anos, estas possuem comorbidades que ocasionam prejuízos na saúde mental, e, além disso, apresentam transtornos de ordem primária que podem evoluir, entretanto não está voltada para atendimentos hospitalares e do Caps. Nesta fase as pacientes têm o elemento químico como uma função vital e desta forma precisam adquirir novos recursos para suprir essa necessidade. Assim a rotina proposta por meio de atividades lúdicas e dinâmicas estimulam a interação no meio

[3]Oliveira, A. L. C. (2023) Projeto de Vida. Ebook, Goiânia , Go. Acessado em 16 de Novembro de 2023 em(https://drive.google.com/file/d/12fJ_glwWQSZPVwdQf-0_kboJyQUcH3yb/view?usp=sharing)

social visando promover novas oportunidades de se perceber a vida, e, portanto, constituem-se em estratégias para garantia deste bem-estar.

O relato de experiência aqui descrito se trata do período de realização do estágio de Fevereiro a Setembro de 2023, período em que a pesquisadora teve a oportunidade de atuar com 27 mulheres, sendo que, 20 delas deram entrada na instituição após o início do estágio, 7 delas já acolhidas desde a entrada da pesquisadora e 14 delas fizeram o processo de saída do acolhimento durante esse período, das quais 5 por desistência do processo, 1 por ter comorbidades mais importantes que a dependência química e 8 por terem concluído a fase de acolhimento e tendo assim sequência em seu processo com acompanhamento pós acolhimento, a fim de dar andamento em seu projeto de vida e ter um suporte para alinhar as metas dentro do seu contexto social, ver tabela 1.

Tabela 1. *Permanência das mulheres acolhidas durante o estágio*

Permanência durante o estágio	Número de Mulheres
Desde o início do estágio	7
Após o início do estágio	20
Saída do acolhimento durante o estágio	14
Motivos:	
Desistência do processo	5
Comorbidades mais importantes que a Dependência Química	1
Concluiu o processo	8
Permanece no acolhimento	13

A estrutura conta com o trabalho de uma psicóloga a fim de, entre outras tarefas, promover autoconhecimento para as acolhidas, e dispõe, ainda, de profissionais como: conselheira, educador físico, assistente social cujo objetivo está em articular ações referentes às necessidades, direitos, cidadania e relação familiar. Este processo se dá a partir de um plano de cuidados por fase. O primeiro momento consiste em priorizar a mudança de dentro pra fora "invista em seu casulo", conforme apresentação da própria comunidade. O tempo previsto em que se esperam resultados é em média de seis meses, entretanto cumprir este prazo não é o foco, mas sim valorizar aspectos da singularidade do indivíduo como autorresponsabilidade, autocuidado e convívio social. Neste sentido o tempo é algo que inspira, mas possui uma noção ambivalente pois também assusta.

Nesta primeira fase do "despertar" ocorre a construção de um plano individual de cuidados de recuperação, trata-se de um contexto de adaptação. Observa-se que neste momento esta mulher ainda com medo da mudança busca aceitação com o intuito de agir ativamente em seu processo. A segunda fase consiste em avançar e isso requer um comportamento mais ativo de renúncias e novas elaborações. Por fim na etapa final chamada "florescer" esta paciente busca realizações de modo a se fortalecer e principalmente manter o que já foi conquistado. Por meio desta dinâmica oferecida, a comunidade constitui-se como próprio fator terapêutico a partir de suas relações, onde todos são membros; terapeutas e mulheres acolhidas, e desta maneira as demandas que surgem são resolvidas em conjunto em assembleias.

Na caracterização das histórias dessas mulheres pretendemos fundamentar nossas análises com bases nas teorias referenciadas, bem como nos questionários sociodemográficos[4] utilizados no processo de triagem e o inventário construindo pela

[4]Modelo de questionário sociodemográfico fornecido pela instituição.

psicologia junto as acolhidas no decorrer de seu processo de acolhimento, identificando as particularidades desse público bem como seus desafios.

Instrumentos e Materiais

Como meio de obter os dados para nossa pesquisa foram realizados atendimentos em grupo, individuais e com atendimentos online por videochamada no pós acolhimento, com objetivo geral de prevenção de recaídas e específicos de identificar as demandas pessoais e intervir de forma que sejam instrumentadas com novas possibilidades de enfrentamento de suas realidades, para isso desenvolvemos um Ebook para construção de projeto de vida[5], como meio de facilitar no autoconhecimento e desenvolvimento pessoal com estratégia de planejamento dos passos necessários para se obter os resultados almejados, dentro de suas particularidades e desafios.

Como instrumentos para desenvolver os atendimentos em grupo, utilizamos da psicoeducação, dinâmicas de grupo e rodas de conversas. Com apresentação de vídeos, utilizando recursos materiais como TV, caixa de som, papel A4, caneta, lápis, quadro branco, slides, computador, e o próprio Ebook desenvolvido como meio norteador.

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

Feita a escolha do tema, partimos em busca de uma bibliografia que atendesse nossa demanda, foram selecionados alguns artigos utilizando a plataforma do google acadêmico e scielo, dentre os quais, foram escolhidos aqueles que contemplaram os quesitos de atualidade e relevância dentro do que objetivamos investigar. Selecionados os artigos, passou-se para leitura e revisão narrativa das questões referentes à dependência química, particularidades e desafios do gênero feminino, na perspectiva da psicologia social crítica e a literatura que a fundamenta.

Foram realizados grupos terapêuticos de prevenção de recaída semanalmente com duração de 1 hora e 30 minutos cada, com as acolhidas que se encontravam na comunidade terapêutica Missão Resgate da Paz. Os grupos visaram fornecer um espaço acolhedor onde essas mulheres poderiam conversar, trocar experiências e estabelecer estratégias de enfrentamento para lidar com a dependência química e todos os desafios que elas encontram em seu caminho.

Também foram realizados atendimentos individuais, a fim de identificar as demandas particulares e fomentar a construção do projeto de vida de forma personalizada e empírica, ou seja, realizando uma conexão da prática com as teorias utilizadas identificando os fatores das questões de gênero percebidas nesse espaço e meios de superá-las, quando necessário, através de estratégias elaboradas pelas próprias acolhidas em seu processo de autoconhecimento, assumindo assim o protagonismo na construção de seu projeto de vida, partindo de seu contexto e verificando possibilidades de ascensão transformando a sua realidade.

No próximo tópico vamos explorar as particularidades da dependência química no contexto do gênero feminino, encontradas dentro da comunidade Resgate da Paz, destacando os principais fatores de risco e as estratégias de prevenção e tratamento. Além disso, vamos enfatizar a importância de abordar esse tema de forma crítica e reflexiva, a fim de promover uma mudança real na vida das mulheres que sofrem com a dependência química.

[5]Oliveira, A. L. C. (2023) Projeto de Vida. Ebook, Goiânia , Go. Acessado em 16 de Novembro de 2023 em(https://drive.google.com/file/d/12fJ_glwWQSZPVwdQf-0_kboJyQUcH3yb/view?usp=sharing).

Resultados e Discussão

Compreende-se, desde o início desta pesquisa, que a crítica social da psicologia é urgente para a compreensão dos temas da dependência química, especialmente ao analisar recortes e especificidades, como no caso aqui posto de olhar para o gênero feminino (Lane & Codo,1988). Para escapar dos processos hegemonicamente construídos nas ciências psicológicas, é necessário olhar para o que foi realizado na história dessa Psicologia e nos questionar por que não estamos encontrando as transformações realizadas para construir novos cenários (Bock, 1999). Precisamos ir além da teoria e da realidade idealizada para nos conectarmos com a realidade concreta como afirma Paulo Freire (Cruz, 2008). Ao olharmos criticamente corremos o risco de perceber que a dependência química pode não ser uma causa primária.

Quando nos deparamos com as políticas públicas, que deveriam oferecer meios para aliviar essa realidade de sofrimento, o próprio sistema muitas vezes surge como ameaça e pressão para que a mudança ocorra, mas não apresenta meios eficazes para que isso se concretize. Como construir esse campo sem questionar a própria formação em psicologia, que em sua maioria, como afirma Martín-Baró (2017), se concentra no trabalho clínico e não prepara para o trabalho com políticas públicas e contextos comunitários?

Nesse capítulo a proposta é apresentar alguns tópicos a fim de descrever a realidade encontrada e como utilizamos as ferramentas da psicologia dentro do processo de busca da promoção da mudança almejada pelas acolhidas, desde o processo de acolhimento, os desafios da permanência, o retorno ao contexto social, bem como o papel e as possibilidades da psicologia de interferir nessa realidade como meio de promover superação.

O acolhimento das mulheres e a maternagem

Na triagem que antecede o acolhimento, já é possível deparar-se com alguns desafios e particularidades de gênero, como a realização de exames ginecológicos específicos (Papanicolau) e teste de gravidez (Beta HCG), caso a mulher não seja laqueada. Isso explicita que a responsabilidade pelo controle de natalidade recai predominantemente sobre a mulher. A diferença entre as classes sociais também dificulta a acessibilidade ao processo. Aqueles que possuem poder aquisitivo privilegiado conseguem atender a essa demanda com mais agilidade, enquanto os demais dependem da disponibilidade do sistema público, o que aumenta o tempo de espera no processo de hospedagem.

Entendendo, observando tal realidade, que a construção do gênero é uma construção histórica que não pertence apenas à nossa sociedade atual, mas que se compôs ao longo da história da humanidade e sofreu diversas consequências em cada fase vivida, nos deparamos com formações manipuladas por uma sociedade patriarcal, onde se estabelece uma relação social de poder entre homens e mulheres, estando as mulheres subordinadas aos homens (Navaz & Koller, 2006). Isto denuncia a tendência das políticas públicas e outros modelos de tratamento serem desenvolvidos dentro de uma perspectiva masculina, não levando em conta as particularidades femininas em seus processos de adoecimento, apesar de focalizar em suas funções biologicistas (Farah, 2004).

Outro fator relacionado à classe social e gênero são as responsabilidades com os filhos. Grande parte dessas mulheres é totalmente responsável pelo próprio sustento e pelos seus filhos. Nas classes mais baixas, nem sempre as mulheres têm uma pessoa disponível para cuidar dos filhos durante o processo de acolhimento, o que torna a falta de renda e/ou

cuidado dos filhos um impedimento para buscar o tratamento. Ao dependerem da rede de apoio familiar, as exigências incluem, por exemplo, a necessidade de que os avós, principais rede de apoio normalmente presentes, também precisem exercer funções de trabalho remunerado para garantir o seu próprio sustento e o dos seus dependentes.

O desenvolvimento de mitos e crenças, desde a complexificação da estrutura econômica social, sobre as consequências das atividades remuneradas das mulheres em sua saúde e bem-estar psicológico legitimaram a teoria de que elas deveriam permanecer em seus papéis tradicionais de mães e esposas (ver Narvaz & Koller, 2006). O sentimento de incapacidade, gerado pelo uso abusivo de drogas, de cumprir adequadamente o papel normativo materno é vivenciada pelas mulheres como incompetente e com culpa, o que revela a armadilha do refluxo psicologizante em que as mulheres se culpam por sua condição. Ao colocar a responsabilidade individual por seu estado de pobreza, abandono e/ou desleixo no cuidado de seus filhos e filhas na figura da mãe trabalhadora, os discursos científicos e sociais isentam o homem, o Estado e a sociedade de sua responsabilidade social.

Três mães com filhos menores de 3 anos que ainda dependiam particularmente dos seus cuidados foram incluídas na questão da maternidade. Isso nos leva a pensar que, para os pais, essa condição nunca seria imposta, e que acolher mães com filhos pequenos é um desafio exclusivo das mulheres. Sem dúvida, isso torna o desafio da superação ainda maior, pois, além de cuidar de si mesmas, as mães também têm que cuidar do banho, da alimentação, do sono e das brincadeiras dos filhos. Elas também precisam se preocupar em não incomodar os outros com os choros ou travessuras destes. Isso causa constrangimento a todos, pois elas dependem da disponibilidade de outra pessoa para encontrar tempo para um banho privativo. Segundo Gomes & Brilhante (2021), embora o abandono da paternidade não defina existencialmente um homem, para a mulher esse abandono é motivo de severo julgamento moral.

Uma das participantes iniciou seu processo com o apoio da mãe no cuidado dos filhos, ela fazia uso de substâncias psicoativas mas não via nenhum problema nisso, pois na visão dela estava tudo em ordem na criação desses filhos, cuidando dos afazeres da casa, e não faltou nada para essas crianças. Porém, durante o processo, sua mãe precisou ser internada com enfisema pulmonar causado pelo tabagismo, então seu filho de 2 anos teve que ser acolhido em companhia dela para concluir o processo. Seu discurso até a chegada do filho foi de uma vida bastante tranquila, sem queixas de sua condição social. Ela tinha um emprego estável e sua mãe sempre a apoiava nas responsabilidades com os filhos. Poderíamos dizer, prematuramente, que a presença do filho desestabilizou o tratamento dela. Porém, o que se observou foi uma mudança na compreensão do seu processo, que até então parecia ser apenas uma má escolha e influência dos amigos, mas agora existe uma criança ativa e necessitada de atenção.

Durante o processo, sua mãe faleceu, e ela se viu diante de tantas responsabilidades que ela não sabia que eram suas diante do apoio de sua mãe. Foi neste caso que compreendemos que o projeto de vida tinha as suas dimensões e que para cada pessoa o foco poderia ser completamente diferente, embora o transtorno por abuso de substâncias fosse muito semelhante, o que diferia era a forma como era percebido e tratado em cada contexto. Assim, iniciamos a construção de um projeto de vida baseado nas necessidades expressas do participante, focado na construção de uma maternidade funcional dentro de seu novo contexto, sem a presença da mãe, com um filho de 2 anos e um adolescente que até então era considerado seu irmão, pois

sua mãe e seu padrasto idoso cuidaram dele até os 14 anos.

O processo de acolhimento foi encerrado e continuamos com o acompanhamento pós-acolhimento, encaminhando o filho mais velho para acompanhamento psicológico, o que foi feito e trouxe ótimos resultados para o relacionamento deles. Também estabelecemos uma rotina com autocuidado, tempo de qualidade com os filhos, cuidando do padrasto e do lar, ao mesmo tempo que equilibra tudo isso com o trabalho e as possibilidades de novos relacionamentos e redes de apoio como a igreja.

Poderíamos perguntar onde estão os homens dessa história? Qual a participação deles nesse processo? Sim eles existem, porém sobre eles estas responsabilidades não são exigidas socialmente, aparecendo apenas os que necessitam de seus cuidados, confirmando o que já referenciamos anteriormente nos escritos de Gomes & Brilhante, (2021) que o abandono da paternidade não define existencialmente um homem, porém para mulher esse abandono é motivo de severo julgamento moral e sentimento de culpa.

A permanência na acolhida: autoconhecimento e relação entre os pares

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres dependentes químicas na permanência dentro do período de acolhimento são marcadas por diversos pontos em comum. Um dos principais fatores é o vício, que é uma batalha diária contra suas dependências. Além disso, o gênero também desempenha um papel crucial, pois muitas vezes as mulheres são estigmatizadas e tratadas de forma diferente em relação aos homens nessa situação. Os estereótipos de gênero e os papéis e responsabilidades sociais pelos quais se cobram e se sentem culpadas também são desafios que as mulheres enfrentam (Medeiros et al., 2020). Além de que a permanência no acolhimento em si traz suas dificuldades como o cumprimento de regras e condicionantes pelas instituições de acolhimento. Essas regras têm como objetivo promover a reabilitação e a reintegração social das acolhidas, mas muitas vezes são encaradas como um desafio, uma vez que desativam mudanças profundas de comportamento e hábitos, posto que algumas mulheres tiveram experiências de vida extremamente conturbadas antes de buscar ajuda, o que torna ainda mais difícil a adaptação às regras impostas (Loeck, 2014).

Ao considerar itens de autocuidado que auxiliam na autoestima, como maquiagem, cosméticos e roupas, essa diferença social apesar de evidente no processo de acolhimento, onde algumas acolhidas possuem recursos financeiros, enquanto outras possuem habilidades como escovar os cabelos, pintar as unhas ou fazer maquiagem, o que pode servir como um meio de interação entre elas, na troca de habilidades para promoção do autocuidado. Portanto, as oficinas de autocuidado são vistas de forma positiva como parte do processo.

Segundo Souto et al., (2019) as construções socioculturais em torno dos usuários de drogas podem levar à sua exclusão e estigmatização. Esses indivíduos desenvolveram uma autoimagem negativa influenciada por suas experiências com o uso de drogas, resultando em baixa autoestima e problemas de autocuidado. O estudo realizado pelo autor revela que essas construções são influenciadas por um paradigma proibicionista enraizado em preconceitos e visões ideológicas excludentes, o que leva os indivíduos a internalizarem um sentimento de autodesvalorização. Esses indivíduos vivenciam preconceito social e muitas vezes são rotulados e estigmatizados, fazendo com que adotem estereótipos negativos sobre si mesmos. Eles acreditam que o preconceito persistirá mesmo que parem de usar drogas, levando a um sentimento de desesperança em relação a possíveis mudanças neste ambiente

discriminatório e excludente. É importante lembrar aqui das intersecções que provocam situações ainda mais complexas no que diz respeito à realidade de classe, gênero e raça.

No entanto, apesar de todas essas adversidades, o período de acolhimento surge como uma oportunidade de apoio mútuo e solidariedade entre elas, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor. Através da superação dos obstáculos em conjunto, essas mulheres encontram forças para enfrentar seus conflitos internos e buscar uma vida livre das amarras das substâncias. Essa jornada difícil é marcada por histórias de resiliência e determinação, onde a força coletiva se torna um poderoso evento para a transformação pessoal e social.

Relato de uma acolhida, que possui um companheiro também dependente químico, sobre ser mulher dependente:

"Eu, uma mulher que usa, quem vai me respeitar? O meu companheiro me falou isso e aí está a diferença: o homem tem o perdão. Veja minha situação com o ex: ele é mais respeitado do que eu, também é dependente químico. Mas eu percebo que não é assim; eu assumi o meu adoecimento e estou aqui tratando. O ex fugiu do tratamento, foi internado compulsoriamente e não permaneceu. E o outro companheiro atual nem trabalhou ainda que é dependente e precisa de tratamento. Tudo por eu ser mulher; a mulher que usa não é vista com os mesmos olhos por eles. O meu respeito é perdido ao usar uma droga. Eu era uma menina só para curtir; não era para ficar, não era para casar; ninguém ia querer ficar comigo. E eles? Eles não precisam se justificar? Eu pensei muito que a mulher pudesse ser quem ela quisesse, transar com quem ela quisesse, fazer tudo o que ela quisesse. Eu pensei que poderia viver como diz a música da Tribo da Periferia: uma ilusão de alguém que mata e morre por você. Um amor bandido. A mulher é muito mal vista. Elogiavam pela forma como eu cuidava da minha filha, porém as outras eram mais valorizadas que eu por não usarem drogas. Isso conversando a respeito do companheiro em relação a ela e em comparação com outras mulheres com quem ele se relacionou e que não sofriam de dependência química. Nem o Coringa foi parceiro da Arlequina; no final, ela fica sozinha. Ela só é usada para atingir seus interesses. Não há parceria nesse processo. Meu pai dependente em tratamento. Quando falei que ia me tratar, ele me disse: 'Mas você é mulher, você está usando?' Basta perguntar para o meu pai se ele se casaria com uma mulher dependente química. No filme da Arlequina, o Coringa põe a mão no peito e fala assim: 'Põe a mão aqui para você ver, eu não tenho coração' A mulher entra na vida do homem mesmo dependente químico, seja para se prostituir, seja para levar drogas; mas ela, não tem espaço no coração do homem. Agora que estou aqui, estou refletindo sobre a minha condição de ser mulher."

Além disso, a falta de recurso específico para as mulheres é outro desafio enfrentado no contexto da dependência química. Muitas instituições de tratamento e programas de recuperação são projetados a partir de uma perspectiva masculina e não leva em consideração as necessidades e as experiências das mulheres. Isso pode resultar em programas ineficazes, falta de suporte adequado e falta de compreensão em relação aos fatores de riscos e as particularidades do gênero feminino, apontando a necessidade da criação de políticas públicas voltadas às mulheres (Diehl e de Oliveira, 2023).

Um estudo realizado por de Almeida (2021) traz que a materialidade das experiências humanas vai além da interpretação do seu conceito em sua origem em latim e inclui fatores como desvantagens de mobilidade social, cidadania enfraquecida e distribuição desigual de políticas públicas. A discussão se expande para incluir o termo "social" para abranger essas dimensões. A

subjetividade dos indivíduos e sua conexão com processos sociais e históricos é explorada destacando a importância de compreender o contexto individual e social na discussão da subjetividade. O texto do autor conclui enfatizando a interação entre subjetividade e objetividade e como os indivíduos são moldados por seus contextos sociais e históricos. Pôde ser percebida, durante essa experiência de estágio, a necessidade de elaborações e ampliação de políticas públicas e de cuidado que levem em conta os contextos individuais e sociais dessas mulheres.

O retorno à realidade – Projeto de Vida como Instrumento

Ao deparar com o cenário e os desafios propostos no campo de estágio e diante das funções sugeridas percebe-se que seria necessário uma estrutura que desse um norte para trilhar o caminho de superação com essas mulheres que buscam ajuda dentro da comunidade terapêutica, de forma que, abarcassem suas particularidades e despertasse nelas o protagonismo, então ocorre a ideia de elaborar um Ebook para construção do projeto de vida, onde cada uma poderia colocar suas projeções e suas necessidades em conformidade com que Alves & Peres (2022) afirmam em seus estudos, de forma a proporcionar um caminho trilhável para a obtenção dos resultados almejados para além do processo de acolhimento, pois é exatamente na volta para realidade, dentro do seu contexto novamente é que se perde o rumo, por falta de objetivos claros e metas bem definidas para serem alcançadas.

A perspectiva inicial era de que o projeto de vida começasse no quinto mês de acolhimento, quando faltavam apenas dois meses para a conclusão. No entanto, veja-se que em alguns casos isso não foi suficiente para a construção do projeto, uma vez que as acolhidas estavam em fase de visualização de suas saídas terapêuticas, o que desviou um pouco o foco. Elas estavam pensando em como lidar com a situação lá fora, não em construir algo como um projeto de vida futura. Além disso, elas estavam lidando com seus medos e ansiedades por estarem de volta ao contexto delas. A partir dessa constatação, surgiu a necessidade de alterar o momento do início do projeto de vida, antecipando-o para a segunda fase do processo, onde a adaptação já estava consolidada, permitindo algumas conversas e ações para tecer projetos futuros.

Segundo o Material do Educador (Goiás, Seduc, 2016), essa abordagem promove não apenas a superação de desafios, mas também o desenvolvimento pessoal e profissional. Ela fornece propósito e motivação claros, além de orientar as escolhas e ações diárias. Portanto, o uso de um projeto de vida é uma estratégia eficiente para enfrentar adversidades, traçar um caminho de sucesso e alcançar a plenitude em todas as áreas da vida.

Com essa perspectiva, ganhamos com algumas acolhidas desde o início. O sonho de melhorar o nível de escolaridade delas foi fornecido, dando-lhes meios para ter essa oportunidade, estudando dentro da instituição com aulas online e podendo realizar o exame municipal que lhes permite elevar o nível de escolaridade. Seis acolhidas conseguiram chegar à fase do exame, sendo que uma obteve sucesso na primeira tentativa, obtendo as certificações de conclusão do nono ano do ensino fundamental. As outras três conseguiram eliminar duas das disciplinas obrigatórias e agora têm a oportunidade de continuar estudando. Enquanto as outras duas reativaram o interesse pela leitura e os estudos, focando nas dificuldades e realizando novamente o exame em outra oportunidade. A acolhida que obteve êxito já se demonstra interessada em dar continuidade e realizar a prova para obter certificado no ensino médio evidenciando a sensação de conquista, de que podem realizar, começar e concluir uma meta

trazendo uma perspectiva positiva para o tratamento.

Quando começamos a construção do projeto de vida, focamos no objetivo de alcançar a autossuficiência, o emprego, os bens materiais e estabelecer uma base sólida que melhorasse sua estrutura social. No entanto, encontramos situações em que as pessoas já tinham uma posição social estável, um trabalho e uma casa, mas lutavam para cumprir as suas responsabilidades como mães e para cuidar de suas casas. Com algumas mulheres, nosso desafio foi ajudá-las a compreender que seu projeto de vida poderia abranger outras áreas, como aprender a ser mãe, reorganizar suas rotinas, lidar com as dinâmicas familiares e quebrar o ciclo de padrões negativos na vida dos filhos. Todos esses aspectos também podem ser planejados e incluídos em seu projeto de vida.

Algumas das acolhidas só perceberam a importância do projeto de vida durante os atendimentos pós-acolhimento. Em que experimentaram lapsos e até mesmo recaíram, percebendo que a falta de planos não estava dando o resultado esperado. Diante dessa situação de insucesso, voltam a procurar orientações, agora com interesse de entender o que é ter um projeto de vida. Começam a querer elaborar e planejar coisas simples, como gastos fixos com o aluguel, o pagamento de um curso, uma conta de telefone, de água, de comida, para então poderem planejar o lazer e economizar para a realização de sonhos futuros. Como viajar para algum lugar, comprar um determinado acessório ou realizar outro desejo que pode esperar, que não é fundamental naquele momento, pois percebe-se que o comportamento de busca pelo prazer imediato faz com que isso também se repita em outras esferas de comportamento do seu dia a dia. Gastando os valores que já tinham comprometimentos e, na hora da necessidade de pagar esses compromissos, sentem-se angustiadas como se tivessem fracassadas por não conseguirem cumprir seus objetivos e, com isso, se deparam com a necessidade de planejamento, recorrendo novamente à necessidade de construir um projeto de vida e ter um objetivo claro para aplicação dos recursos adquiridos.

Uma das frustrações que enfrentam é a falta do trabalho, do autossustento e muitas delas ficam muito ansiosas e acabam se perdendo no processo por conta dessa falta de estrutura, mas quando conseguem um trabalho, voltam a sonhar e a pensar em coisas que gostariam de construir. Nesse sentido, devemos concordar com Silvia Lane e defender que a Psicologia Social, que quer estar a serviço da emancipação, só pode ser uma práxis crítica e criativa, e que o conhecimento produzido permite denotar determinações obscuras e desmistificar propostas de ideologias, promovendo uma melhor compreensão da realidade e sugerindo possibilidades para a ação humana focando sua potência, como pessoas capazes de ultrapassar limites, considerando-os não como um fim (de Lima et al., 2009).

Considerações finais

A dependência química é um problema complexo e multifatorial que pode afetar qualquer pessoa, independentemente do gênero. No entanto, existem alguns fatores de risco específicos que tornam as mulheres mais vulneráveis à dependência química do que os homens.

Entre esses fatores de risco estão a violência doméstica, o abuso sexual, a discriminação de gênero e a pressão social para se adequar a padrões estéticos inatingíveis. Esses fatores podem levar as mulheres a buscar refúgio em substâncias químicas, como forma de lidar com traumas emocionais e psicológicos. Além disso, muitas vezes, as mulheres têm menos acesso aos serviços de saúde e tratamento para a dependência

química, o que pode aumentar sua vulnerabilidade (Abead, 2023).

Já têm sido postuladas abordagens de tratamento para a dependência química no contexto do gênero feminino, que levam em conta as particularidades e desafios enfrentados pelas mulheres. Uma das principais estratégias é o tratamento multidisciplinar, que envolve profissionais de diversas áreas da saúde e da assistência social, como psicólogos, psiquiatras, assistente social e terapeutas ocupacionais. Além disso, é importante que o tratamento seja adaptado às necessidades individuais de cada mulher, levando em conta fatores como idade, história de vida, saúde física e emocional, entre outros (Occhini & Teixeira, 2006).

Para enfrentar esses desafios, é fundamental que as políticas públicas e as instituições de saúde adotem uma abordagem de gênero sensível na prevenção e no tratamento da dependência química. É necessário reconhecer as particularidades e desafios enfrentados pelas mulheres e garantir que os serviços de saúde os programas de tratamento estejam de acordo com essas necessidades (Gomes & Brilhante, 2021).

Investir em pesquisas que exploram as diferentes dimensões da dependência química no gênero feminino também é essencial para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes. É importante entender como o abuso sexual a violência doméstica e as questões de saúde mental influenciam a dependência química e como esses fatores podem ser pensados para promover tratamentos especializados (Morgado, 2019).

Além disso é fundamental combater o estigma associado a dependência química no gênero feminino (Medeiros & Maciel, 2020). Isso pode ser feito por meio de campanhas educativas e de sensibilização que desafiam os estereótipos de gênero e promovem a compreensão e a empatia em relação as mulheres que enfrentam a dependência. Também é importante oferecer suporte psicológico e social as mulheres em recuperação, para que elas possam reconstruir suas vidas e superar os obstáculos pela dependência química.

Outra estratégia importante é a participação em grupos de apoio, como os Alcoólicos Anônimos (AA) e os Narcóticos Anônimos (NA), que oferecem suporte emocional e compartilhamento de experiências entre pessoas que passam por situações semelhantes. Também é fundamental que haja um acompanhamento médico regular, com exames de rotina e avaliação do progresso do tratamento. Por fim, é importante destacar a importância da prevenção e da recuperação contínua, com a adoção de hábitos saudáveis e a busca por atividades prazerosas e significativas na vida cotidiana (Lima, 2012).

As relações intrafamiliares são impactadas de maneira significativa pela dependência química em mulheres. A combinação de estigma social, desafios nas dinâmicas familiares e falta de apoio emocional podem exacerbar os efeitos negativos dessa condição (Abead, 2023). No entanto, é vital considerar o potencial de apoio e recuperação que as relações familiares podem oferecer. Investir em programas de educação e conscientização sobre a dependência química é fundamental para promover relações intrafamiliares saudáveis e ajudar as mulheres a superarem essa jornada de recuperação.

Fica evidente a importância do acolhimento de mulheres dependentes químicas para garantir o acesso a tratamento de qualidade e sem estigma. É preciso reconhecer as particularidades do uso de drogas por mulheres e enfrentar os desafios que ainda existem, como o estigma, a violência de gênero e a falta de políticas públicas específicas.

Sendo assim, é fundamental adotar estratégias e boas práticas para um acolhimento efetivo, como a abordagem humanizada, a inclusão de atividades terapêuticas e a valorização da autonomia feminina (Gomes & Brilhante, 2021). Somente assim será possível oferecer um tratamento mais efetivo e justo para as mulheres dependentes químicas.

Para tanto, acredita-se que a Psicologia deve assumir o compromisso ético e político de se posicionar contra situações de injustiça, preconceito e discriminação, em favor das populações mais vulneráveis e mais afetadas pela lógica social vigente. A psicologia deve contribuir na construção de uma sociedade que promova a humanização, a igualdade e a realização de todos os indivíduos.

Referências

Almeida, M. D. S. (2014). Elaboração de projeto, tcc, dissertação e tese: Uma Abordagem Simples Prática e Objetiva (2ª ed.). Grupo GEN.

Alves, M. Z., de Moraes Sousa, M. A., Farias, M. N., & Peres, S. M. (2022). A implantação da disciplina projetos de vida em dois estados brasileiros. Olhares & Trilhas | Uberlândia | vol.24, n. 1.

Associação Brasileira de Estudos em Álcool e outras Drogas (ABEAD). (2023). Dependência Química: Racismo, Gênero, Determinantes Sociais e Direitos Humanos. 1ª ed. Curitiba: Appris.

Bock, A. M. B. (1999) A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. Estudos de Psicologia (Natal), v. 4, p. 315-329.

Cruz, M.M.S. (2008). FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura), 166p. Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade, (13).

de Almeida, M. F., de Paula Pinto, M. A., & Cardoso, L. F. V. (2021). Os impactos da vulnerabilidade social na construção da subjetividade. Psicologia e Saúde em debate, 7(2), 48-65.

de Lima, A. F., da Costa Ciampa, A., & de Almeida, J. A. M. (2009). Psicologia social como psicologia política?: A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. Revista Psicologia Política, 9(18), 223-236.

Diehl, A., de Oliveira, S. L. Associação Brasileira de Estudos em Álcool e outras Drogas (ABEAD). (2023). Dependência Química: Racismo, Gênero, Determinantes Sociais e Direitos Humanos. Mulheres, Patriarcado e Dependência Química. Cap. 5. 1ª ed. Curitiba: Appris, 83-94.

Farah, M. F. S. (2004). Gênero e políticas públicas. Revista Estudos Feministas, 12, 47-71.

Goiás. Seduc/Ice.(2016). Material do Educador. Escola da Escolha. Aulas de projeto de vida.1º ano do Ensino Médio. ICE. 1ª edição, 392p.

Gomes, E. R. B., & Brilhante, A. V. M. (2021). Contações femininas: gênero e percepções de mulheres dependentes químicas. Saúde e Sociedade, 30.

Lane, S. T., & Codo, V. (1988). Psicologia social: o homem em movimento. Sao Paulo: Brasiliense.

Lima, H. D. P., & Braga, V. A. B. (2012). Grupo de autoajuda como modalidade de tratamento para pessoas com dependência de álcool. Texto & Contexto-Enfermagem, 21, 887-895.

Loeck, J. F. (2014). A dependência química e seus cuidados: antropologia de políticas públicas e de experiências de indivíduos em situação terapêutica na cidade de Porto Alegre, RS. Dissertação doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Maciel, L., Schneider, J. A., Chambart, D., Grassi-Oliveira, R., & Habigzang, L. F. (2020). Percepções de Profissionais sobre Atendimentos em Saúde para Mulheres Usuárias de Crack. Psicologia: Ciência e Profissão, 40.

Martín-Baró, I. (2017). Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais. Editora Vozes Limitada.

Medeiros, K. T., de Barros, M. M. M. A., & Maciel, S. C. (2020). Representações sociais sobre mulher e mulher usuária de drogas. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 72(3), 19-34.

Morgado, N. T. (2019). Dependência química no sexo feminino. Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário UNIFAAT

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. Psicologia & Sociedade, 18, 49-55.

Occhini, M. F., & Teixeira, M. G. (2006). Atendimento a pacientes dependentes de drogas: atuação conjunta do psicólogo e do psiquiatra. Estudos de Psicologia (Natal), 11, 229-236.

Oliveira, A. L. C. (2023) Projeto de Vida. Ebook, Goiânia, Go. Acessado em 16 de Novembro de 2023 em (https://drive.google.com/file/d/12fJ_glwWQSZPVwdQf-0_kboJyQUcH3yb/view?usp=sharing)

Pastor, M. (1997). Individualidade e totalidade como elementos para a reflexão no serviço social. Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ribeiro-Andrade, É. H., Barreto, M. F. T. B., Mota, M. L., & Terra, M. L. G. (2016). Dependência química e gênero: uma leitura da experiência feminina na drogadição. Humanas Sociais & Aplicadas, 6(16).

Souto, V. T., Terra, M. G., Roso, A. R., Beck, C. L. C., & Silva, A. A. D. (2019). Espelho, espelho meu: autoimagem de pessoas que fazem uso de drogas e suas repercussões sociais. Revista Mineira de Enfermagem, 23, 1-8. Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cadernos de Saúde Pública, 9, 300-308.

Targino, J. (2017). Interfaces entre gênero e dependência química: trajetórias femininas. Ideias, 8(2), 177-196.